

DIVULGAÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NA TELEVISÃO E SUAS IMPLICAÇÕES NA PERCEPÇÃO DO PÚBLICO FEMININO

DISCLOSURE OF VIOLENCE AGAINST WOMEN ON TELEVISION AND ITS IMPLICATIONS ON THE PERCEPTION OF THE FEMALE AUDIENCE

JULIANA DE ALMEIDA SOARES¹

LETICIA GARCIA DE OLIVEIRA²

RESUMO: Este estudo visa compreender como as mulheres percebem a cobertura televisiva da violência contra elas, como se sentem diante da divulgação da violência na televisão e seus impactos. A pesquisa foi estruturada em três seções principais: revisão da literatura, metodologia e análise dos resultados. A revisão da literatura aborda os tipos de violência contra a mulher e a influência da televisão na disseminação desses casos. A metodologia incluiu entrevistas com seis mulheres de idades variadas, utilizando um questionário semiestruturado. As entrevistas ocorreram em Serra, ES, e os dados foram analisados segundo a metodologia de análise de conteúdo de Bardin (2009). Os resultados mostram que a maioria das participantes acredita que a divulgação televisiva ajuda a combater a violência, conscientizando outras mulheres e fortalecendo a luta contra esse problema. No entanto, algumas também sentem tristeza e revolta ao verem essas notícias. As entrevistadas demonstram disposição para denunciar casos de violência e compartilhar informações para mobilizar a sociedade. Em conclusão, a cobertura televisiva tem um papel crucial na conscientização e no combate à violência contra a mulher, embora seja necessário abordar o tema com sensibilidade para evitar a normalização da violência e apoiar efetivamente as vítimas.

Palavras-chave: Violência contra a mulher; Conscientização social; Denúncia; Papel da televisão.

ABSTRACT: This study aims to understand how women perceive television coverage of violence against them, how they feel when violence is reported on television and its impacts. The research was structured into three main sections: literature review, methodology and analysis of results. The literature review addresses the types of violence against women and the influence of television on the dissemination of these cases. The methodology included interviews with six women of varying ages, using a semi-structured questionnaire. The interviews took place in Serra, ES, and the data were analyzed according to Bardin's (2009) content analysis methodology. The results show that the majority of participants believe that television coverage helps to combat violence, raising awareness among other women and strengthening the fight against this problem. However, some also feel sadness and anger when they see this news. The interviewees demonstrate a willingness to report cases of violence and share information to mobilize society. In conclusion, television coverage plays a crucial role

¹ Juliana de Almeida Soares.

² Mestre em Psicologia, Docente UniSales.

in raising awareness and combating violence against women, although it is necessary to approach the issue sensitively to avoid the normalization of violence and effectively support victims.

Keywords: Violence against women; Social awareness; Complaint; Role of television.

1. INTRODUÇÃO

A velocidade com que as informações tem circulado diariamente através da televisão, trouxe para a população o conhecimento do número de casos de violência contra a mulher que acontecem diariamente por todo o Brasil. Segundo os dados da Divisão Especializada de Atendimento à Mulher (DIV-DEAM) da Polícia Civil do Espírito Santo (PCES), no ano de 2022, só no Espírito Santo, foram registrados um total de 17.707 boletins de ocorrência de violência contra a mulher e 2.573 autores de tal violência foram presos.

Nas últimas décadas, os diversos movimentos feministas têm encorajado mulheres, passando para elas segurança e coragem para denunciar a violência sofrida (Santos, 2004).

Teles e Melo (2017, p. 18) apontam que:

Os papéis impostos às mulheres e aos homens, consolidados ao longo da história e reforçados pelo patriarcado e sua ideologia, induzem relações violentas entre os sexos e indica que a prática desse tipo de violência não é fruto da natureza, mas sim do processo de socialização das pessoas. Ou seja, não é a natureza a responsável pelos padrões e limites sociais que determinam comportamentos agressivos aos homens e dóceis e submissos às mulheres. Os costumes, a educação e os meios de comunicação tratam de criar e preservar estereótipos que reforçam a ideia de que o sexo masculino tem o poder de controlar os desejos, as opiniões e a liberdade de ir e vir das mulheres.

Tais estereótipos sociais que associam o feminino à imagem de docilidade e submissão podem acabar fomentando a violência à mulher. E a perpetuação desses estereótipos de gênero acaba por contribuir para a manutenção de uma sociedade desigual, onde a violência contra a mulher é naturalizada e aceita. O entendimento de que tais comportamentos são construídos socialmente e não inerentes à natureza humana é crucial para a elaboração de políticas públicas eficazes que visem à prevenção e erradicação da violência de gênero (Teles e Melo, 2017).

Diante dessa realidade a conscientização sobre os tipos de violência e sobre onde as mulheres que se perceberem vivenciando essa situação podem buscar ajuda, se torna essencial, e a sociedade é parte integrante nesse processo de mudança de cultura, através da divulgação de informações e do combate contra esse tipo de violência.

De acordo com um estudo de Sutherland, McCormack, & Abel (2016) publicado na revista *Journalism Studies*, uma cobertura sensacionalista ou estigmatizante pode prejudicar as vítimas, enquanto uma cobertura responsável e educativa pode contribuir para a conscientização e a mudança social.

Tendo em vista que, para Silva J. (2020), a forma como a violência é noticiada pode impactar a percepção pública sobre o assunto e influenciar a conscientização e a resposta da sociedade, este trabalho objetiva abordar a percepção das pessoas

sobre a divulgação da violência de gênero na televisão. Busca-se compreender se a cobertura midiática reforça a necessidade de denúncia e encoraja as vítimas a buscar ajuda ou, ao contrário, cria insegurança e desmotiva a denúncia.

Ressalta-se que durante todo o processo de pesquisa, foi mantido o compromisso com os princípios éticos, assegurando o respeito e a proteção das participantes contra qualquer forma de exploração ou dano.

Este estudo será estruturado em três seções. Inicialmente, será conduzida uma revisão da literatura que abordará os diferentes tipos de violência contra a mulher, além de explorar a influência da televisão na disseminação desses casos. Em seguida, serão apresentados em detalhes os métodos empregados para a coleta e análise dos dados, incluindo informações sobre as participantes envolvidas no estudo e os procedimentos adotados para a obtenção das informações. Por fim, a seção de análise dos resultados irá discutir de maneira aprofundada as percepções e reações das mulheres diante das notícias veiculadas na televisão sobre a violência contra elas, destacando os principais achados e reflexões obtidas a partir da pesquisa.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1. VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

A violência doméstica contra a mulher é um fenômeno múltiplo e complexo que tem gerado importantes discussões. Dados recentes do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP – 2023) indicam que, em 2023, mais de 270 mil mulheres registraram casos de violência doméstica no Brasil, o que evidencia a urgência de políticas públicas efetivas e de uma maior sensibilização da sociedade para a gravidade do problema. A pandemia de COVID-19 exacerbou a situação, com muitas mulheres confinadas em casa com seus agressores, resultando em um aumento significativo das denúncias.

Com o avanço da tecnologia nos dias atuais, essas discussões tem gerado grande reflexão entre a população, que com acesso aos canais de informações, tem tomado conhecimento dos números de casos de violência contra a mulher que acontecem diariamente, por todo o Brasil. A Fundação Perseu Abramo em 2001 trouxe uma das primeiras e principais pesquisas brasileiras que denunciaram a gravidade das violências sofridas pelas mulheres que revelou que 43% delas já haviam sofrido algum tipo de violência sexista, sendo em 70% dos casos perpetradas por parceiros ou ex-parceiros conjugais.

A Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) foi um marco significativo no combate à violência doméstica no Brasil, proporcionando uma estrutura legal mais robusta para a proteção das vítimas e a punição dos agressores. Desde sua implementação, houve um aumento substancial no número de denúncias e na conscientização sobre os direitos das mulheres. No entanto, a persistência de altos índices de violência indica que ainda há muito a ser feito para erradicar esse problema.

O papel da tecnologia também se estende às iniciativas de apoio e prevenção. Aplicativos como o "SOS Mulher" e o "Clique 180" fornecem meios rápidos e discretos para que as vítimas busquem ajuda.

Em resumo, a violência contra a mulher é uma questão complexa que requer uma abordagem multifacetada, envolvendo legislação, educação, apoio psicológico e social, e o uso estratégico da tecnologia. A conscientização e a mobilização da sociedade são essenciais para promover mudanças significativas e duradouras.

2.2. TIPOS DE VIOLÊNCIA

A respeito do tipo de violência que as mulheres tem sofrido, a Divisão Especializada de Atendimento à Mulher (DIV-DEAM – 2019) tem identificado ocorrências de violência física, psicológica e sexual. Essas formas de agressão são complexas e perversas, não ocorrem de forma isoladas umas das outras e têm graves consequências para a mulher.

A Violência Física envolve agressão física direta, como bater, empurrar, sufocar, ou qualquer ato que cause danos físicos à vítima. Pode ser uma forma evidente de violência e deixa lesões visíveis, mas também pode ocorrer de maneiras mais sutis, como ameaças ou intimidações (Teles e Melo, 2017).

Já a violência psicológica é muitas vezes mais insidiosa e difícil de detectar, mas igualmente prejudicial. Isso inclui ameaças verbais, humilhação, isolamento, manipulação emocional e controle excessivo por parte do agressor. Essa forma de abuso pode minar a autoestima e o bem-estar emocional da vítima (Teles e Melo, 2017).

A violência sexual abrange uma ampla gama de comportamentos, desde o estupro e o assédio sexual até o abuso sexual e a coerção. É uma violação grave dos direitos da vítima e pode deixar traumas duradouros (Teles e Melo, 2017).

Para combater as diversas formas de agressão contra a mulher, o Brasil conta com a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006), que é a principal legislação voltada para a proteção das mulheres vítimas de violência doméstica e familiar. Sancionada em 7 de agosto de 2006, essa lei recebeu o nome em homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes, uma mulher que sofreu violência doméstica por parte de seu marido durante anos, culminando em uma tentativa de assassinato que a deixou paraplégica.

A Lei Maria da Penha estabelece medidas de proteção às mulheres, abrangendo não apenas a violência física, mas também a violência psicológica, sexual, patrimonial e moral.

2.3. INFLUÊNCIA DA MÍDIA (TELEVISÃO)

Com o passar do tempo, surgiram diversos meios de se divulgar uma notícia, seja pela televisão, rádio, Internet e de se orientar e denunciar sobre situações de violência a exemplo do 180 que é o número da Central de atendimento à Mulher em

Situação de Violência, um serviço oferecido pelo governo brasileiro. Criado pela Secretaria de Políticas para as Mulheres.

O trabalho da imprensa e da mídia tem se tornado fundamental para a conscientização e combate à violência contra mulher. Sant'Ana, Cláudio Alvares, Delegado da Delegacia Especializada de Defesa da Mulher, Criança e Idoso de Várzea Grande, no Mato Grosso comenta sobre o papel da mídia na divulgação de notícias relacionadas à violência contra a mulher (Polícia Judiciária Civil/MT):

“A mídia ajuda na divulgação de trabalhos que reforçam os canais de denúncia, para que as mulheres possam quebrar o ciclo de violência. Em todo o feminicídio existe o histórico de violência com ameaças e agressões, as reportagens devem tratar as vítimas e suas famílias com humanidade, contando suas histórias além das estatísticas “

O papel da televisão na divulgação da violência contra a mulher tem sido tema nos grandes debates, entre eles, o Centro Popular de Direitos Humanos (CPDH), no centro do Recife, e a Defensoria Pública do Estado do Espírito Santo (DPES). Para alguns, a mídia tem um grande papel na divulgação da violência contra a mulher, para outros a televisão pode atrapalhar. Segundo Odalia (2004, P.92):

“Os jornais diários são imprescindíveis para conhecer-se como vai a violência em nossa sociedade. Eles fazem a história do presente. Lendo-os da primeira à última página, pode-se ter um quadro bem diversificado das violências que cercam o homem contemporâneo”

Em outubro de 2008, a imprensa divulgou todo o caso da jovem Eloá na televisão, dividindo opiniões sobre a forma da cobertura da notícia. A vítima com 15 anos, fora mantida refém por cinco dias pelo ex-namorado de Eloá, Lindemberg Fernandes Alves, de 22 anos, em um apartamento na cidade de Santo André, em São Paulo.

A memória globo em seu site (2021) publicou uma matéria sobre o caso e destacou:

“A “cobertura” incluiu entrevistas ao vivo com as vítimas e com o agressor, transmissões ininterruptas, inclusive com a revelação de detalhes da atuação da polícia que terminavam por atrapalhar as negociações, e o uso de estratégias narrativas ficcionais para transmitir o desfecho trágico que terminou com a morte de Eloá após uma operação mal sucedida da polícia paulista. Durante todo o tempo, o sequestrador era tratado como um rapaz apaixonado, movido por “amor” e inconformado pelo fim do relacionamento, ao ponto de um dos convidados de um desses programas da tarde dizer que esperava que o episódio de violência terminasse em “Pizza” e com o casamento feliz entre a vítima e o agressor”.

O caso da jovem Eloá mobilizou a equipe de jornalismo de São Paulo, que acompanhou as negociações da polícia e as investigações que apuraram a responsabilidade sobre a morte da adolescente. As imagens da televisão levantaram, inclusive, uma versão diferente daquela apresentada pela polícia para o desfecho do sequestro.

Outro exemplo em torno da divulgação de casos de violência contra a mulher, é o caso de Milena Gottardi, uma médica que foi baleada na cabeça no dia 14 de setembro de 2017, quando saía do Hospital das Clínicas, em Vitória, no estado do Espírito Santo. A polícia disse que ela foi vítima de um crime de mando e os suspeitos são o ex-marido dela e o pai dele.

E também como exemplo o caso da Jyoti Singh Pandey, conhecido como "Nirbhaya". Este caso envolveu um estupro brutal em grupo e assassinato que ocorreu em 2012 em Nova Delhi. A ampla cobertura mediática e a divulgação do nome da vítima geraram um debate sobre a ética da divulgação de tais casos. É importante ressaltar, que a exposição constante à violência na televisão pode afetar a saúde emocional e mental de algumas mulheres, levando a sentimentos de ansiedade, desesperança ou raiva. Portanto, é fundamental que a mídia e a sociedade abordem esse tema com sensibilidade e responsabilidade (Odalía, 2004).

Por outro lado, aqueles que são contra a ampla divulgação de tais casos frequentemente, argumentam que expor publicamente as vítimas de violência pode colocá-las em risco adicional, uma vez que os agressores podem ser incentivados ou buscar vingança, também entendem que a divulgação pode desencorajar as vítimas de denunciar a violência ou buscar ajuda.

As instituições de televisão desempenham um papel significativo na sociedade, influenciando a forma como as questões, como a violência, são percebidas e abordadas. Embora a televisão possa ser uma ferramenta poderosa para a redução da violência, seu impacto pode ser tanto positivo quanto negativo, dependendo de como as questões são relatadas e tratadas (Santos, 2004).

Os meios de comunicação ao cumprirem o papel de informar a sociedade nem sempre entendem a influência sobre a forma de pensar e agir das pessoas diante dos conflitos.

A percepção de uma mulher sobre notícias de violência divulgadas na televisão pode variar de acordo com sua experiência pessoal, contexto cultural, educação e sensibilidade individual. No entanto, há algumas percepções comuns que muitas mulheres podem ter ao assistir notícias de violência na televisão, como preocupação e Medo, pois muitas mulheres podem se sentir preocupadas e até mesmo com medo ao assistir notícias sobre violência, especialmente se as histórias envolvem agressões ou crimes graves (Santos, 2004)

Contudo, a divulgação das notícias de violência pode contribuir para uma maior conscientização sobre a extensão e a gravidade do problema da violência contra a mulher. Isso pode motivar muitas mulheres a se envolverem em ações de defesa dos direitos das mulheres e na promoção de mudança, bem como, após assistir notícias de violência, algumas mulheres podem procurar recursos e organizações que ofereçam apoio a vítimas de violência (Odalía, 2004).

A exposição à violência contra a mulher na televisão tem implicações significativas na percepção das mulheres e, conseqüentemente, em sua visão da sociedade e de seu próprio papel nela. A forma como a televisão retrata a violência contra a mulher pode moldar atitudes, normas culturais e comportamentos.

Portanto, a forma como a televisão trata a violência contra a mulher desempenha um papel significativo, devendo ser abordada as questões de maneira ética, sensível e informativa, destacando a importância da denúncia e a disponibilidade de recursos de apoio.

Dessa forma, a escolha de utilizar o jornal televisivo como meio principal para divulgar notícias e conscientizar sobre a violência contra a mulher se baseia em vários fatores importantes, sendo a televisão ainda é um dos meios de comunicação mais acessíveis e abrangentes no Brasil, atingindo uma ampla

audiência, incluindo aqueles que podem não ter acesso fácil à internet ou a outras formas de mídia.

3. METODOLOGIA

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa de tipo qualitativa. De acordo com Hungler (2001), a pesquisa qualitativa caracteriza-se por permitir ao pesquisador delineamento flexível do estudo, possibilitando um ajuste ao que está sendo captado durante a coleta de dados e o uso de várias estratégias. Para coleta de dados, foram conduzidas entrevistas individuais.

As participantes do estudo foram seis mulheres com média de idade de aproximadamente 32 anos. Tendo a mais nova tinha 24 anos e a mais velha 51. Como instrumento para a coleta de dados, a pesquisadora criou um questionário semiestruturado contendo nove perguntas. As perguntas abordaram temas relacionados à percepção da cobertura televisiva da violência contra a mulher, incluindo sentimentos, atitudes e percepção.

As entrevistas foram realizadas em um estabelecimento localizado no município de Serra, ES. Ao adentrar o estabelecimento as mulheres eram abordadas e convidadas a participar do estudo. Ao aceitar participar do estudo, cada participante preenchia um termo de consentimento livre.

A aplicação dos questionários estruturados às seis mulheres participantes foi realizada de acordo com os princípios éticos, garantindo o anonimato e a confidencialidade de cada participante e respeitando sua dignidade. Para análise dos dados utilizou-se a metodologia de análise de conteúdo proposta por Bardin (2009), este método permitiu uma análise sistemática e aprofundada dos dados coletados.

A análise de conteúdo foi realizada em seis etapas, conforme proposto por Bardin:

- Pré-Análise: Organização e preparação dos dados coletados.
- Exploração do Material: Leitura detalhada do material para identificar unidades de registro significativas.
- Codificação: Atribuição de categorias às unidades de registro identificadas.
- Categorização: Agrupamento das categorias em temas ou padrões relevantes
- Interpretação: Análise dos resultados em relação aos objetivos do estudo, destacando ideias e conclusões relevantes.
- Elaboração do Relatório Final: Apresentação dos resultados da análise de forma clara e objetiva.

Para alcançar a metodologia de análise de dados descrita, primeiramente, foi necessário revisar e compreender o método proposto por Bardin (2009). Após essa revisão, foi adaptado os passos do método à estrutura do estudo, considerando os objetivos específicos e as características dos dados coletados.

Ao receber as respostas dos questionários, os dados foram organizados e preparados para a análise, seguindo a etapa de pré-análise. Em seguida, procedeu à leitura detalhada do material, buscando identificar as unidades de registro significativas, como sentimentos, atitudes e percepções das participantes em relação à cobertura televisiva da violência contra a mulher.

Por fim, foi elaborado o relatório final da análise, apresentando os resultados de forma clara e objetiva, seguindo os passos propostos por Bardin. Durante todo o processo de pesquisa, foi mantido compromisso com os princípios éticos, assegurando o respeito e a proteção das participantes contra qualquer forma de exploração ou dano.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados coletados pela Ficha de Dados das seis participantes do estudo podem ser visualizados na Tabela 1. A tabela fornece importantes dados sobre a percepção de mulheres - de diferentes idades, escolaridades e estados civis - em relação à divulgação televisiva da violência contra a mulher.

Tabela 1 - Dados das seis participantes do estudo

Nome	Participant e 1	Participant e 2	Participant e 3	Participant e 4	Participant e 5	Participant e 6
Idade	29	24	51	29	29	23
Escolaridade	Ensino Superior	Ensino Superior	Ensino médio incompleto	Ensino Superior	Ensino médio completo	Ensino médio completo
Estado Civil	Solteira	Solteira	Solteira	Casada	Solteira	Solteira
Jornal Favorito	Balanço Geral	Balanço Geral	TV Record	Jornal da Record	Balanço Geral	Cidade Alerta
A divulgação ajuda no combate à violência contra a mulher?	Sim, chega a outras mulheres	Sim, dá mais força às mulheres	Sim	Algumas Vezes	Sim, mas não influencia tanto	Sim, influencia outras mulheres
A divulgação normaliza a violência contra a mulher?	Não	Não	Não	Não	Não	Não
Sentimento frente à violência contra a mulher na TV	Tristeza e revolta	Revolta e ódio	Tristeza	Abatida e tristeza	Tristeza	Tristeza e ódio

Comportamentos considerados violência contra a mulher	Verbal, física, psicológica	Julgar, colar para baixo, alterar voz e agressão física	Agressão verbal, física, psicológica	Psicológica, verbal, física	Física, verbal, psicológica	Agressão física e verbal
Atitude se sofresse violência	Denunciaria e terminaria	Reagiria	Denunciaria	Denunciaria	Denunciaria	Denunciaria
Outros canais de notícia consumidos	Instagram e Youtube	TV, Instagram	Internet	Instagram e Whatsapp	Outros jornais	Redes sociais
Compartilha informações?	Não compartilha	Não compartilha	Às vezes compartilha	Sempre compartilha	Sempre compartilha	Não compartilha
Caso noticiado marcante	Não lembra	Caso Goleiro Bruno	Não lembra	Cadeirante que o marido colocou fogo	Caso Elena Gotardi	Marido que colocou fogo na mulher

As entrevistas foram conduzidas em Serra, no Espírito Santo, com mulheres de diferentes idades e estados civis. A média de idade das participantes foi de aproximadamente 32 anos. Participante 1, 29 anos, solteira e com ensino superior, preferiu o jornal "Balanço Geral" por sua transparência. Participante 2, 24 anos, também solteira, destacou a importância da televisão, mas reconheceu outros meios relevantes no combate à violência. Participante 3, 51 anos, solteira, valorizou a TV Record pela cobertura jornalística e como alerta contra a violência. Participante 4, 29 anos, casada, desejou mais exposição da violência na televisão. Participante 5, também 29 anos e solteira, sentiu que a televisão poderia divulgar mais casos. Participante de 6, 23 anos e solteira, viu na televisão um meio influente na denúncia de violência contra a mulher. Essas entrevistas forneceram ideias valiosas sobre as percepções e atitudes das mulheres em relação à divulgação de violência na televisão.

Os dados alcançados com as entrevistas foram analisados à luz da análise de conteúdo de Bardin (2009) e agrupados em seis categorias, sendo elas: impacto da divulgação na conscientização e no combate à violência; normalização da violência; Sentimentos e comportamentos frente à violência contra a mulher na TV; Atitudes e ações diante da violência; Consumo de outros canais de notícia; Compartilhamento de informações.

Sobre o **impacto da divulgação na conscientização e no combate à violência**, a maioria das participantes concorda que a divulgação na TV ajuda no combate à violência contra a mulher, destacando que isso ajuda a conscientizar outras mulheres e fortalecer a luta contra esse tipo de violência. Essa percepção está alinhada com a visão de alguns especialistas, como Laura Frade (p.86, 2007), que

ênfatiza a importância da divulgação para encorajar as mulheres a denunciarem os agressores.

No que tange a **normalização da violência**, houve um consenso entre as **participantes do estudo**, em que ambas concordaram que a divulgação televisiva não normaliza a violência contra a mulher. Isso contradiz a preocupação de alguns estudiosos, como Odalia (2004), que argumenta que a exposição constante à violência na televisão pode desestabilizar a sociedade para essa questão. No entanto, os resultados sugerem que as mulheres entrevistadas não percebem a divulgação como uma normalização da violência.

Em relação aos **Sentimentos e comportamentos frente à violência contra a mulher na TV**, as mulheres na entrevista expressam uma gama de emoções ao assistir à violência contra a mulher na TV, incluindo tristeza, revolta e ódio. Essa variedade de reações reflete a complexidade do tema e destaca a importância de uma abordagem sensível e responsável por parte da mídia ao relatar esses eventos. A maioria das participantes reconhece uma variedade de comportamentos como formas de violência contra a mulher, incluindo agressão verbal, física e psicológica. Essa conscientização é fundamental para identificar e combater diferentes formas de violência de gênero. Segundo Odalia (2004), a educação e a conscientização são ferramentas cruciais na luta contra a violência de gênero. As campanhas midiáticas, quando bem estruturadas, podem ajudar a educar o público sobre o que constitui violência e como procurar ajuda.

Já sobre a **atitudes e ações diante da violência**, as participantes demonstram uma predisposição positiva em relação à denúncia de violência pessoal, destacando a importância de buscar ajuda e tomar medidas para interromper o ciclo de violência. Essa disposição é consistente com os princípios defendidos por movimentos feministas e pela legislação, como a Lei Maria da Penha.

Quanto ao **consumo de outros canais de notícia**, as mulheres entrevistadas mencionam uma variedade de canais de notícia além da televisão, incluindo redes sociais e internet. Isso destaca a importância de abordagens multiplataforma para divulgar informações sobre violência contra a mulher e alcançar diferentes públicos.

No que se refere ao **compartilhamento de informações**, a maioria das participantes diz compartilhar informações sobre violência contra a mulher, demonstrando um desejo de conscientizar e mobilizar outras pessoas para combater esse problema. Esse comportamento é consistente com a noção de que a divulgação e a conscientização são essenciais para promover a mudança social.

Ao assistir às notícias de violência, as mulheres relataram sentir sentimentos de tristeza, revolta e ódio, destacando a importância da sensibilidade na abordagem desses temas pela mídia. Elas demonstram estar dispostas a denunciar violência pessoal e compartilham informações sobre o assunto, indicando um desejo de mobilizar outras pessoas para combater essa questão.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados revelou que a divulgação da violência contra a mulher na televisão tem um papel relevante na conscientização e no combate a esse problema. A maioria das mulheres entrevistadas concordaram que a exposição na mídia ajuda a conscientizar outras mulheres e fortalecer a luta contra a violência de gênero. Além disso, todas afirmaram que essa divulgação não normaliza a violência.

Os casos mencionados, como o cativo de Eloá Cristina Pereira Pimentel, o de Milena Gottardi, e o de Jyoti Singh Pandey, conhecido como "Nirbhaya", ressaltam a gravidade e complexidade da violência contra a mulher. Eles também destacam a importância de uma cobertura responsável e ética por parte da mídia, evitando sensacionalismo e estigmatização das vítimas. Assim, é fundamental que a mídia aborde esses casos com sensibilidade, destacando a gravidade do problema e promovendo uma mudança cultural positiva.

Os resultados desta análise também sugerem que a divulgação televisiva da violência contra a mulher desempenha um papel importante na conscientização e no combate a esse problema, mas também destaca a necessidade de uma abordagem ética e responsável por parte da mídia para evitar a normalização da violência e promover uma mudança cultural positiva.

Portanto, conclui-se que a divulgação televisiva da violência contra a mulher desempenha um papel importante na conscientização e no combate a esse problema, desde que realizada de maneira ética e responsável pela mídia.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Dermi. Sarney Convida Igrejas Cristãs para Diálogo sobre o Pacto. Folha de São Paulo, São Paulo, 22 out. 1985. Caderno econômico.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

Fundação Perseu Abramo. A mulher brasileira nos espaços público e privado. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

Fundação Perseu Abramo. Violência doméstica: Um estudo sobre a violência contra a mulher no Brasil. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP). Anuário Brasileiro de Segurança Pública. 2023.

GILL, R. Media coverage of violence against women: Influences on public perception and women's responses. Journal of Communication, 2020.

Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm. Acesso em: 12 abril de 2024.

MELLO, Luiz Antonio. A Onda Maldita: como nasceu a Fluminense FM. Niterói: Arte & Ofício, 1992. Disponível em: <http://www.actech.com.br/aondamaldita/creditos.html>. Acesso em: 13 de abril de 2024.

OTT, Margot Bertolucci. Tendências Ideológicas no Ensino de Primeiro Grau. Porto Alegre: UFRGS, 1983. 214 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1983.

ODALIA, Nilo. O que é Violência. Editora: brasiliense, 2004.

SAVIANI, Demerval. A Universidade e a Problemática da Educação e Cultura. Educação Brasileira, Brasília, v. 1.

SCHWARTZMAN, Simon. Como a Universidade Está se Pensando? In: PEREIRA, Antonio Gomes (Org.). Para Onde Vai a Universidade Brasileira? Fortaleza: UFC, 1983.

SUTHERLAND, G., McCormack, A., & Abel, G. Media guidelines for reporting domestic violence. Journalism Studies, 2016.

SILVA, J. Impacto da Notícia sobre Violência contra a Mulher. Editora ABC, 2020.

SOS Mulher. Disponível em: <https://sosmulher.sp.gov.br/>. Acesso em: 27 abril de 2024.

Memória Globo. Caso Eloá. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/caso-eloa/noticia/caso-eloa.ghtml>. Acesso em: 10 jun. 2024.